



Entrevista com Daniel Aarão Reis Filho

Daniel Aarão Reis Filho é graduado e mestre em História pela Université de Paris VII (1975 e 1976). Doutorado em História Social pela Universidade de São Paulo (1987). É professor titular de História Contemporânea da Universidade Federal Fluminense e Pesquisador 1A do CNPq. Desenvolve atualmente duas linhas de pesquisa: Os intelectuais russos e as modernidades alternativas (séculos XIX e XX), onde tem trabalhado com as relações entre literatura e história; e História da Cultura Política Nacional-Estatista no Brasil (1937 aos dias atuais). Temas principais de reflexão: Intelectuais, política, literatura, revoluções socialistas, nacional-estatismo no Brasil.

<http://lattes.cnpq.br/5545617046802074>

Entrevista concedida via correio eletrônico a **João Batista Teófilo Silva** e **Henrique Brener Vertchenko**, doutorandos na linha História e Culturas Políticas do Programa de Pós Graduação em História da UFMG e membros do Conselho Editorial da *Temporalidades*, gestão 2017/2018.

[Revista *Temporalidades*]: Professor, primeiramente, gostaríamos de dizer que é um imenso prazer fazer esta entrevista com você para o atual dossiê da Revista *Temporalidades*. Em 2017, você retoma os temas da revolução e do socialismo em duas obras: “Manifestos Vermelhos e outros textos históricos da Revolução Russa”, obra que você organizou e na qual há uma série de documentos traduzidos desse período, e “Viagem ao Socialismo Perdido”, que é uma segunda edição de “De volta à Estação Finlândia”, publicada em 1993, mas acrescida de um posfácio. A respeito da primeira obra, gostaríamos que você apontasse qual foi o eixo norteador para a seleção desses documentos e, sobre a segunda, quais novas reflexões você incorporou e de que maneira uma crônica de viagem como essa - que passou por países como Alemanha, Polônia e Rússia no início dos anos 1990 - pode nos ajudar a compreender o que foi o socialismo real e construir novas perspectivas de análise?

[Daniel Aarão Reis Filho] O prazer é todo meu em dialogar com esta brava revista. Preliminarmente, devo aduzir que acaba de ser publicado, de minha autoria, um terceiro livro sobre os 100 anos da revolução russa: "A revolução que mudou o mundo", reunindo oito ensaios sobre as revoluções russas, mais bibliografia e cronologia a respeito do processo que se estendeu entre 1917 e 1921.



Quanto ao "Manifestos Vermelhos", foi muito difícil efetuar a seleção. Tinha disponíveis mais de 400 textos e era impossível, por falta de tempo e espaço, traduzi-los e editá-los todos. Ao proceder à seleção, e considerando que toda seleção é injusta, procurei elaborar um quadro plural e diverso, não apenas do ponto de vista das formulações políticas (bolcheviques, mencheviques, polícia política, artistas, etc.) como também do tipo de fontes (canções, poesias, hinos, textos estritamente políticos, manchetes de jornal, manifestos artísticos, resoluções de organizações populares, etc.). Esta dupla diversidade foi pensada como favorável à construção de uma perspectiva crítica.

A reedição da "Viagem ao socialismo perdido" respondeu a uma demanda reprimida - desde os anos 1990, quando houve duas reimpressões desta crônica de viagens, muita gente queria conhecer este relato que só era encontrado, como raridade, nos sebos da vida. Para conferir uma consistência à segunda edição, adicionei um posfácio sobre a desagregação do socialismo e mais uma cronologia e uma bibliografia sobre o assunto.

É importante ressaltar que a crônica de viagens é permeada por uma pensata a respeito das características e do legado do socialismo na Rússia/URSS/Rússia e na China. Assim, neste ano do centenário de 1917, me pareceu adequado lançar esta segunda edição.

[RT]: Revoltas e revoluções evidenciam a efervescência política do século XX, marcado por diversas experiências históricas que já foram objetos de análise para muitos estudiosos, mas que ainda se constituem como um campo em aberto para novos debates ou novos olhares sobre debates antigos. Nesse sentido, há também um segundo livro seu a ser lançado agora em setembro, intitulado "A Revolução que Mudou o Mundo". Como você vê o atual estado da historiografia sobre o tema no Brasil? E quais questões estarão presentes nos ensaios contidos nessa sua obra e de que maneira ela pode contribuir na popularização de um tema que desperta a atenção não apenas de especialistas?

[DARF] Nas três publicações, tento evitar a demonização (historiografia liberal da guerra fria) e a celebração acrítica (historiografia soviética e comunista). Em virtude das pesquisas que realizei nos arquivos soviéticos, elaborei melhor algumas questões que me pareceram interessantes e que podem suscitar debates: a relevância - subestimada - da revolução de fevereiro; a discussão sobre outubro (golpe ou revolução); o caráter democrático dos decretos revolucionários aprovados após a insurreição de outubro; a importância decisiva das guerras civis, que trato no plural, quando se processou (é o que sustento) uma nova revolução, ou uma revolução na revolução; a



relevância da revolução de Kronstadt, também muito subestimada na historiografia, cujo esmagamento, a meu ver, foi decisivo para a modelagem do socialismo autoritário que surgiu após as guerras civis.

[RT]: O tema da Revolução Russa e os movimentos que ela inspirou já foram largamente estudados. Entretanto, trata-se de questão complexa, que acabou por gerar um regime que se manteve por longo tempo no poder e exerceu controle sobre outros países no contexto da Guerra Fria. Nesse sentido, que questões a respeito desse tema você apontaria como ainda não exploradas ou pouco exploradas e se elas podem ser consideradas tabus pela historiografia?

[DARF]: Salvo para determinadas correntes (liberal e comunista), não creio que ainda existam tabus na historiografia sobre a Rússia/URSS/Rússia. Mas ainda me parece muito promissora a exploração das pistas formuladas pela história social, sobretudo a questão de como se comportaram as "pessoas comuns" sob a ditadura revolucionária soviética. Também deste ângulo, da história social, me parece ainda vasto o campo de estudos sobre as revoluções russas (1905-1921), na linha de relativizar partidos e lideranças políticas e enfatizar a dinâmica dos grandes movimentos sociais que, afinal, fizeram a revolução acontecer.

[RT]: No Brasil, durante a ditadura militar, os projetos revolucionários das esquerdas, inspirados em revoluções vitoriosas ou em curso nos anos 1960, como Cuba, Vietnã e Argélia - sobre os quais você já produziu diversos estudos - nas memórias que se construíram posteriormente no contexto de lutas pela anistia, são acusados de silenciarem sobre seu caráter revolucionário e tão somente forjarem uma resistência democrática à ditadura, algo que você denominou como sendo um processo de "universalização da resistência democrática". Tal questão evidencia os problemas da equivalência que se faz entre História e Memória no debate historiográfico, mas também o desafio que é para o historiador lidar com temas recentes que suscitam polêmicas em virtude de uma disputa de interpretações do passado travada entre aqueles que o viveram e os historiadores que se propõem a contá-lo. Em sua opinião, qual o papel do historiador nas disputas narrativas sobre o nosso passado ditatorial?



[DARF]: Sempre haverá disputas a respeito da História. Entre os historiadores. Entre estes e os discursos memorialísticos. Sem esquecer outras agências ou fontes que produzem também narrativas históricas (canções populares, instituições governamentais, culturais, políticas, etc.).

Cabe aos historiadores, porém, marcar as especificidades de seu ofício, entre as quais destacaria: a busca da verdade (cuidando sempre de nos afastarmos dos que a encontraram), o compromisso de não omiti-la; o respeito pelas fontes e pelas evidências e o compromisso de não distorcê-las ou ignorá-las quando convém; o acionar de uma pluralidade de fontes e de uma pluralidade de ângulos de análise; a consulta a mais exaustiva à historiografia existente (evitar arrombar portas abertas); o diálogo com outras disciplinas e a autonomia face a instituições políticas e ao Estado. Distinguindo-se, os historiadores constroem a fidedignidade e a credibilidade de seu ofício.

[RT]: Segundo palavras de Eric Hobsbawm, a Revolução Russa evidenciou que “A humanidade estava à espera de uma alternativa”. O Senhor trabalhou longamente a partir da ideia de “modernidades alternativas”, como aquelas surgidas no século XVII em oposição aos programas liberais de modernidade, e que ao longo do século XX se desdobraram em novas e diversas propostas, seja à esquerda ou à direita. Como você avalia os impactos dessas “modernidades” na formação de culturas políticas durante o último século? E qual seriam as continuidades e descontinuidades desse legado nos dias atuais?

[DARF]: A afirmação de grande historiador inglês me parece evitada de messianismo, mas é fato que muitos pensadores e lideranças políticas, desde as grandes revoluções (inglesa, americana e francesa), esboçaram e propuseram, e refletiram sobre, a necessidade de alternativas de modernidade ao programa liberal de modernidade.

As revoluções socialistas do século XX tentaram construir este caminho, mas perderam esta perspectiva. Cabe analisar criticamente as experiências, evitando anacronismos, celebrações acríticas e demonizações. A reinvenção do socialismo no século XXI passa pelo resgate do caráter radicalmente democrático da aventura socialista e pelo enfrentamento das questões suscitadas pelos movimentos dos anos 1960 (autonomia das gentes face aos estados e aos partidos políticos; emancipação das mulheres; respeito pelas particularidades étnicas e pelas preferências quanto a comportamentos sociais e preferências sexuais. Mais fácil de dizer do que de fazer. Uma tarefa de gerações, como acertadamente disse o ex-presidente uruguaio, José Mujica.